

Roseana Murray

POESIA

ESSENCIAL

ORGANIZAÇÃO

Hebe Coimbra

DELÍRIOS
EDIÇÕES DIGITAIS

Roseana Murray

POESIA

E S S E N C I A L

ORGANIZAÇÃO
Hebe Coimbra

PROJETO GRÁFICO
Sílvia Negreiros

Sumário

- A FORÇA DA PARTÍCULA E O NÃO TEMPO DE ROSEANA MURRAY, 9*
- Caravana, 13 • Adagas, 14 • Vento, 15 • Um chamado, 16 • Nódulo, 17*
Ametistas, 18 • Espera, 19 • Humano, 20 • Armadilhas, 21 • Entrega, 22
Espanto por espanto, 23 • Gestos, 24 • Garça, 25 • Calendário, 26
Estrada, 27 • Nuvens, 28 • Tateando caminhos, 29 • Estrela e chão, 30
Entardecer, 31 • Vida, 32 • Sonhos e ossos, 33 • Escrita, 34
Moluscos, 35 • Poemas, 36 • Vento, 37 • Alguns elementos, 38
Crepúsculo, 39 • Uvas e sinos, 40 • Lamparina, 41 • Alguns gestos, 42
Nessa hora, 43 • No campo, 44 • Rede, 45 • Cais, 46 • Desejos, 47
Corte, 48 • Profecia, 49 • Flores, 50 • Despedida, 51
Desejo, 52 • Grito, 53 • Sozinha no campo, 54 • Umbrais, 55
Penhasco, 56 • Pelas ruas, 57 • Armadilha, 58 • Desamparo, 59
Ando muito só, 60 • Spleen, 61 • Passaporte, 62 • Autorretrato, 63
Genealogia, 64 • Uma semente, 66 • Uma xícara de café, 67
Água de palavras, 68 • Chama, 70 • Te enlaço, 71 • Um certo olhar, 72
Tempo, 73 • Pedras, 74 • Estilhaços, 75 • Aprendizado, 76
Voo solitário, 77 • Amigo, 78 • Para meu filho, 79
Como água que corre, 80 • Partida, 81 • Ronda, 82 • Fio por fio, 83
Oso, 84 • Caracol, 85 • Um rio, 86 • Para o amor, 87 • Cálice, 88
Labirintos, 89 • Águias, 90 • Vestígios, 91 • Momento, 92 • Poesia, 93
Gavetas, 94 • Paixão, 95 • Violenta liberdade, 96 • Azeite e vinho, 97
Pedido, 98 • Amor, 99 • A mesma fonte, 100 • Silêncio, 102 • Oferenda, 103
Mapa, 104 • Tua vida, 106 • Réquiem, 107 • Ouvir estrelas, 108
Uma planta, 109 • O cotidiano, 110 • Poeira, 111 • Fragmentos, 112
Mariposas lilases, 113 • Raízes, 114 • Substância, 115 • Um retrato, 116
Tarde, 118 • Os relógios, 119 • Manhã, 120 • O pão do silêncio, 121
Praça ao relento, 122 • Navegante, 124 • Sinos, 125
- BIOGRAFIA DA AUTORA, 127 • OBRAS DA AUTORA, 129*



A força da partícula e o não tempo *de Roseana Murray*

Prazenteira, sim, mas também muito difícil a tarefa de organizar esta antologia poética. Desde a primeira leitura dos livros de Roseana Murray que nela seriam reunidos, *Paredes vazadas* (Memórias Futuras, 1988), *Pássaros do absurdo* (Tchê, 1990), *Caravana* (inédito, 1994) e *As cidades e a casa* (inédito, 1998), ficou claro que o ideal não seria a clássica disposição cronológica de obras, que apresenta a trajetória de um poeta revelando os seus possíveis vínculos com movimentos ou grupos literários, as rupturas, as influências, enfim, as diversas fases por que passa seu trabalho e as marcas desse ou daquele tempo em seu verbo.

Uma antologia poética deve reificar o mundo do poeta e seu universo manifesto em poesia. Mas como fazer isso amparada na esteira cronológica se, para Roseana, “a vida começa hoje/ sempre por um fio/ a alma é um pêndulo/ leva as horas de encontro às pedras”, se do tempo sua poesia não deixa sinais? De sinais, o mais abrangente, o da liberdade. Melhor, o da leveza da liberdade.

Foi então essa atmosfera de leveza, encontrada em cada um dos quatro livros, que guiou a seleção desta antologia. Uma leveza nem de longe relacionada com superficialidade. Os temas densos, a solidão, a morte, a angústia, as perdas, vêm sustentados por uma trama de sofisticados jogos de linguagem que se faz transparente para revelar apenas aquilo que é simples, delicado.

Uma simplicidade que vem das palavras. Mas não se engane o leitor. Simplicidade aqui não se relaciona com fácil, e sim com uma extraordinária riqueza de sensações que as palavras provocam: sino, pássaro, estrela, nuvens, vento, silêncio, miragens, pedras, janelas, precipícios, ossos... Palavras “com seus dentes/ seu mel e veneno”. Palavras do nosso dia a dia que se repetem em versos livres, mas que, em suas diversas combinações, se turvam e se abrem para muitos significados.

Durante a seleção e organização dos poemas, ficou evidente a alquimia da poeta, seu talento para perceber a poesia da partícula, para

tecer um cosmos íntimo costurando palavras e silêncios com a destreza de um físico que brinca com a matéria e a antimatéria. Roseana faz poesia como quem dança com as ínfimas e superpotentes correlações da mais minúscula poeira, do mais curto dos silêncios, com um todo que ultrapassa a barreira do espaço-tempo. E o leitor, amparado em sua pena, deixa-se levar pelo encanto e aconchego do buraco negro. Daí a dificuldade de lidar com a poesia de Roseana: cada poema tirado ou acrescentado no conjunto da antologia, assim como cada alteração em sua sequência, produzia um resultado tão forte quanto o da fissura de um átomo.

Assim, para manter a atmosfera de leveza, o essencial na obra da autora, esta antologia foi organizada com o cuidado de quem se sabe armando uma explosão estética, uma bomba sinestésica pronta a ser deflagrada pelo ínfimo peso do olhar do leitor sobre as páginas de um livro. A ideia não era apontar esse ou aquele tempo da vida da autora, muito menos seus vínculos com esse ou aquele lugar, com essa ou aquela obra. A ideia era fazer brotar no leitor a comunhão com a poetisa.

Se esta antologia alcançar seu objetivo, ela servirá de breve apresentação ao mundo de Roseana Murray e à sua obra ainda em construção. E que venham muitos novos livros seus para abrigar os leitores desta travessia poética. Pois quem lê seus versos com um olho na partícula e outro no todo, com um ouvido no verbo e outro no silêncio, deixando-se engolir pelo buraco negro da arte para alcançar um novo e fascinante universo, de vez em quando vai sentir vontade de voltar para lá. De voltar a visitar uma poetisa brasileira chamada Roseana Murray.

Hebe Coimbra

Caravina

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina

Caravina, 1000 metri

Caravina

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina

Caravina

Caravina, 1000 metri

Caravina

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina

Caravina, 1000 metri

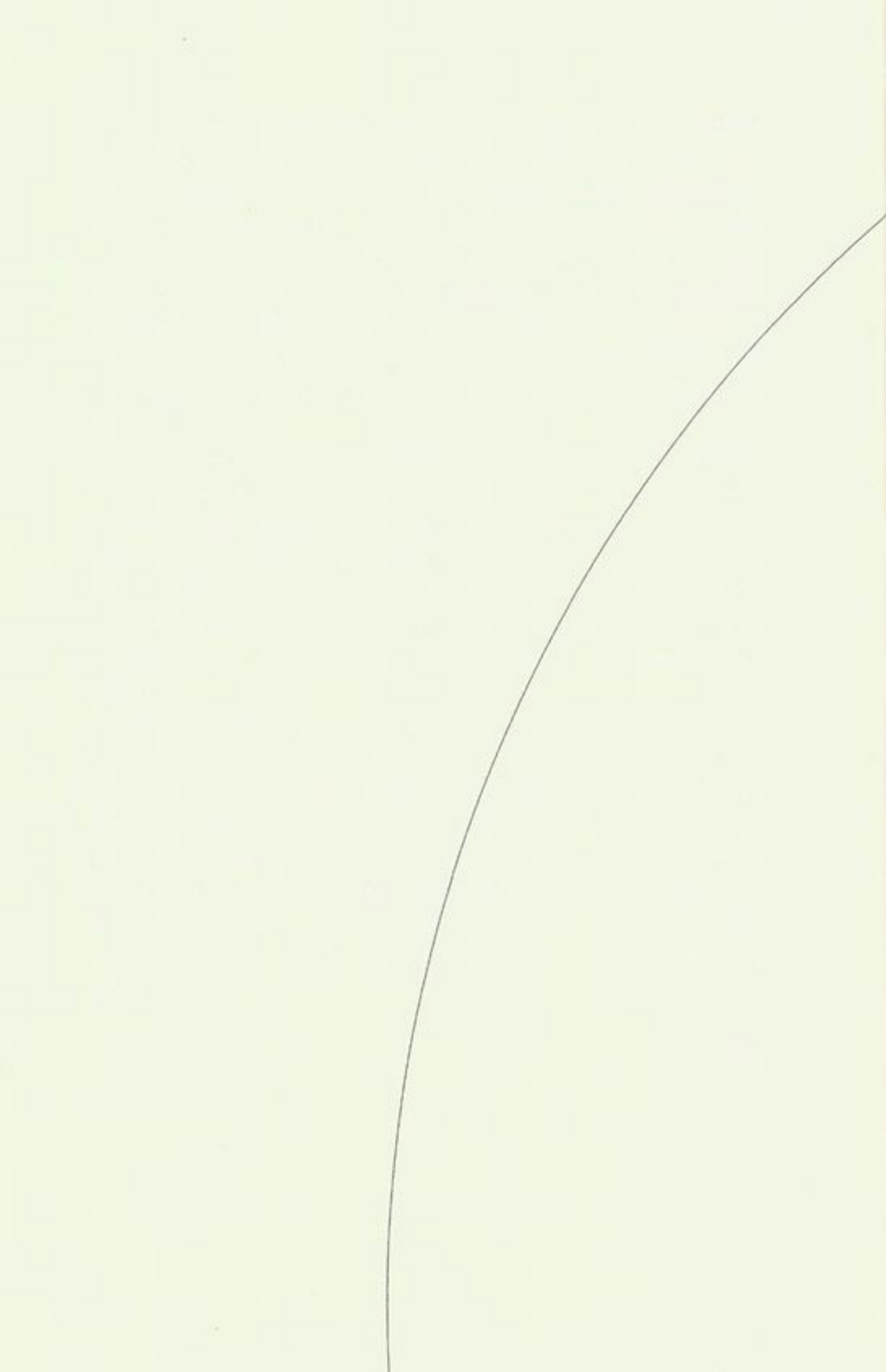
Caravina

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina, 1000 metri

Caravina



Caravana

no meio do deserto
os homens arrumam
a noite
para que a caravana
pouse
o céu é de zuarte
e o silêncio anda
em círculos
feito lobo

alguns mastigam
sonhos
enquanto o sono
costura as pálpebras
com o fio do não tempo

essa é a pausa
entre um século
e outro
entre um delírio
e outro

em algum lugar
dorme um poço
com seus anjos
e demônios

Adagas

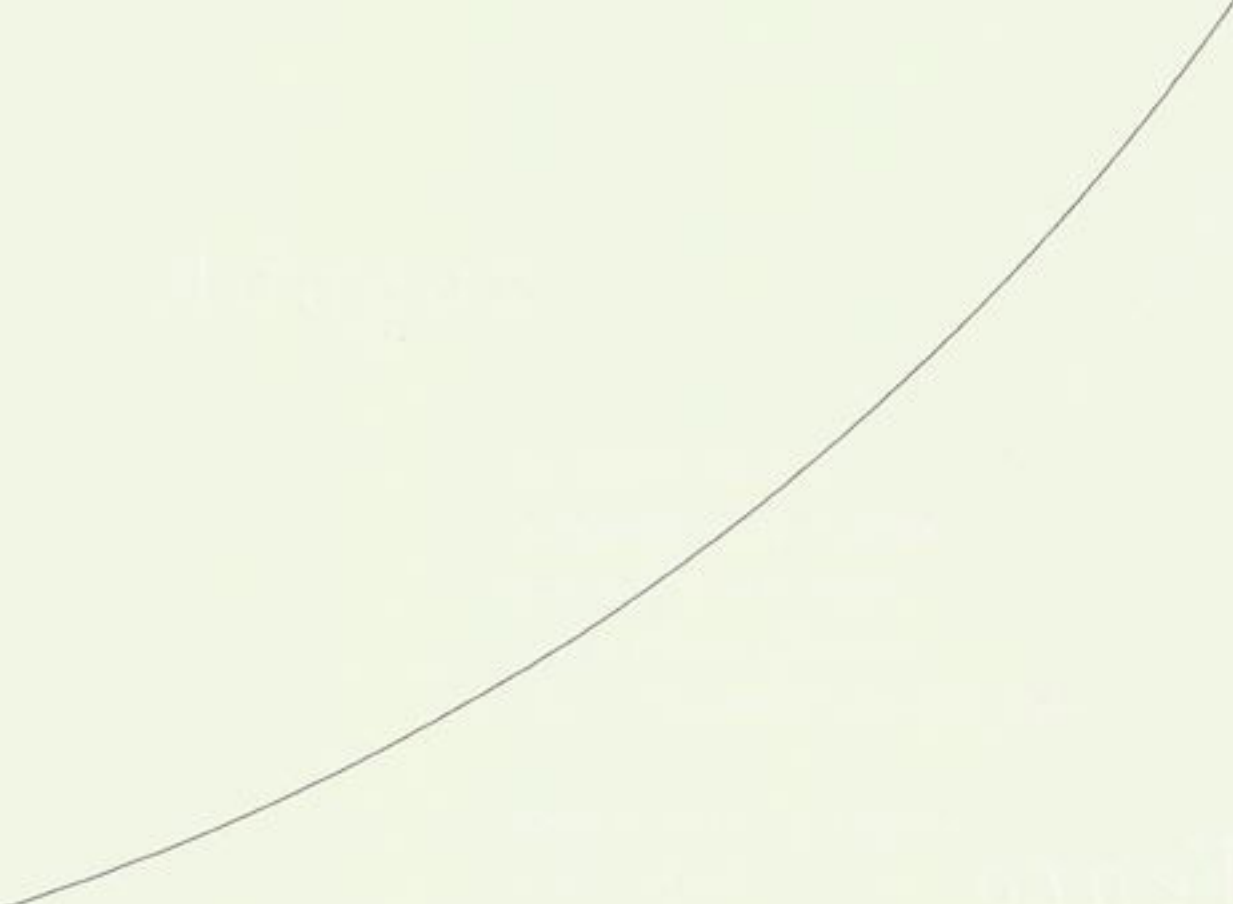
há os que na vida
se sentem confortáveis
como se a vida fosse
uma velha conhecida
uma vitrine eternamente posta

eu por mim sou daquela
tribo errante
dos que já nascem
com as veias cortadas

atravessar planetas e horizontes
e domesticar adagas

Vento

então fiquei muda
por muito tempo
às vezes tocava
meu pequeno sino
de amearhar palavras
fechava os olhos
e fabricava delírios
na casa e nos espelhos
eu não me reconhecia
eu era um voo murmurado
estou cansada
me ajoelho no fundo
da caverna
as mãos espalmadas
para que venha o vento



Um chamado

para mim apenas
um sino basta
uma sirene
um chamado de navio
em alto-mar
frente ao íngreme penhasco
ou farol solitário
frente à dura tarde de prata
para mim apenas
um arrastar de correntes
em casas abandonadas
apenas isso
para trazer de volta o amor
como violetas esmagadas

Nódulo


quando em algumas noites
tenho medo dos vivos e dos mortos
e o fogo que escapa das estrelas
é uma faca na garganta
quando em algumas noites a distância
entre o que foi e o que está sendo
é arquitetura intransponível
e os sonhos fogem como peixes em agonia
a poesia é o grito secreto
a geografia que atravessa este abismo
o sortilégio que me faz humana
que me faz em chamas
que me faz tocar o nódulo
das perguntas sem resposta

Ametistas

sou apenas isso
um nome soletrado com vento
um jeito inclinado de andar
como se dentro vivesse um barco

apenas isso
um oceano encharca os ossos
de onde será que vem
essa melancolia esse jeito
de viver as coisas em silêncio?

escrever derrubando paredes
cobrindo a pele de sal
trançando a alma com duras
ametistas
ser apenas isso
uma mulher fazendo poesia



Espera

ando na ponta dos pés
dentro de mim tudo dorme
um sono de areia

as palavras com que me untei
as casas suas paredes
de cal e esquecimento

dormem as pegadas
dos que me tocaram
com pensamentos e sinos

tudo dorme um sono oblíquo
à espera de um poema



Humano

a mim interessa
o que é humano
o lodo acumulado
no fundo da alma
as tranças espessas
o nó cego dos sentimentos
a corda do desespero
em volta do pescoço
o estalido noturno
dos ossos

o que é demasiadamente
humano
o lobo afiado de cada um
a faca a navalha do louco
os atos insensatos e cotidianos
um abrir e fechar as janelas
enquanto as estrelas se esparramam

Armadilhas

sei muitas coisas muito duras
de se saber
sei como a vida prepara
forcas e ciladas
como a vida faz armadilhas
e forra o chão com folhas mofadas
sei o novelo das horas
enrolado no pulso
sei o gosto de uma lua ensanguentada
enquanto o vento tece
frutas entre as folhagens

Entrega

não me entrego de uma vez
vou pouco a pouco
como loba rondando a casa
ou lua esquecida acesa
nas primeiras horas da manhã
vou passo a passo
como poesia rondando a vida
vou lentamente
como pássaro que aprende o ar
e de repente sou loba sou lua
sou poesia e pássaro derramado

Espanto por espanto

a vida é isso?
essa espera de auroras
boreais
estar a sós com seus
pensamentos
falcões amestrados
em direção ao passado
ao futuro
ao fundo duro
dos abismos?

o tempo não se mexe
penhasco imutável
no oceano das horas
nós é que nos vamos
estranhas marionetes
sem rumo

então a vida é isso
segundo por segundo
estrela por estrela
espanto por espanto

Gestos

com que medida
se mede o amor?
com quantas luas
ou sóis oceanos
tormentas
com quantos pequenos
ou quase imperceptíveis gestos?
perfumar a casa
fazer a cama
cortar o pão
rearrumar os sonhos

pronuncio o teu nome
e de muito longe
um oásis me habita
e o ar estremece
povoado de anjos



Garça

um poema nasce
como garça se equilibra
na superfície fina
do nada

de que é feito
o espaço que ocupa
de que impalpável matéria
mistério labareda ou voo?

um poema nasce
se espraia vertiginosamente
como areia
em direção nenhuma

em sua frágil arquitetura
o caos se arruma

Calendário

o calendário na parede
da cozinha
entre cebolas e panelas
deixa cair uma por uma
suas folhas no chão
como folhas de outono
num rio
como nuvens desmanchadas
pelo vento
enquanto do outro lado
da janela
a vida é um filme
de intrincado roteiro

onde guardar esse tempo
caído
como louça quebrada?

tempestades e calmarias
grudam na pele
como algas moluscos
restos de naufrágio
e quando me olho no espelho
às vezes uma desconhecida me espreita

Estrada

para onde leva
essa estrada
barro pedras e poesia
alguma água
um poço onde vivem
vozes antigas?

para onde leva
para qual esquina
beco encruzilhada
uma aldeia e ruas
empoeiradas
seus mortos com cadeiras
na calçada
e um jeito quase grave de dizer
bom dia?

para onde leva essa estrada
armada sobre o poente
sobre a alma destroçada?


Nuvens

digó como Neruda:
para nascer nasci
para nada
para amearhar nuvens
guardar no silêncio das mãos
o silêncio das madrugadas

não há o que costure
esse peito aberto
essa veia aberta
esse poema eternamente roto?

deixo meu rosto na chuva
e no fogo
sou sempre duas
ao me olhar no espelho
como um navio assombrado

tão lentamente a palavra rara
anel de vento em nenhum dedo



Tateando caminhos

passo as mãos no rosto
debaixo da minha pele
quem é esse ser que me habita
tão envolto em penumbras
qual cigana em seus panos?
que mulher é essa
fazendo em mim labirintos
como um peixe no oceano?
passo as mãos no rosto
feito um louco em seu passado
e nem me decifro nem me devoro
abro a janela e bebo a manhã
em grandes goles

Estrela e chão

onde atracar meus ossos
essa angústia humana
moradora dos meus olhos?

tantas palavras se perdem
na teia das horas
ah se pudéssemos guardá-las
como pássaros recém-nascidos
guardá-las num ninho quente

talvez os poemas sejam
o ninho quente das palavras
um lugar onde descansam
do seu terrível destino
de serem assim ao mesmo tempo
estrela e chão

quero um cais um canto
uma beira de mundo
onde pousar meus dedos
impregnados de nada

Entardecer

como quem espera que o filho volte
ao entardecer
na hora em que a Terra junta
suas vozes por um breve instante
ao coração do Universo
na hora em que a primeira estrela
diz ao homem coisas muito antigas
fogo caçadas silêncio
como quem espera que o filho volte
os olhos postos na curva da estrada
o corpo é um arco tenso numa prece muda
embora não haja nenhum filho
nenhuma estrada
apenas o sentimento indecifrável
difuso que nos percorre
como um vento atravessando séculos
quando a noite cai

Vida

a vida entra por minhas janelas
e com seus pregões e pássaros
vai tingindo a casa
devassando os sonhos
desmanchando as teias
desarrumando as sombras
a vida com seus pequenos
objetos fúteis
entra por minhas janelas
em vento cheio de gonzos
e senta-se à minha mesa
partilhando comigo o café

Sonhos e ossos

toda luz é pequena
para esta fome
esta ânsia que nasce na ponta
dos dedos
e arranha as paredes
escava as estrelas

toda coragem é pequena
para desenrolar
o novelo humano
intrincado e espesso
o tempo se faz de susto

um escorpião se aloja
no espaço que separa
os minutos das horas

a noite engole sonhos e ossos

Escrita

com seus labirintos vazios
o que dói é a vida
o destino desarrumando as esquinas

um mistério atravessa
nossos olhos distraídos
como um barco que invisível
cruzasse as montanhas

o que dói é a vida
e sua indecifrável escrita

Moluscos

com o olhar pressinto o esboço
de algum futuro
tênue sombra margem fronteira entre
o sim e o incerto
travessia passagem
o salto no escuro
para o mergulho convém preparar
o vento e o barco
levar os signos algumas cores a seta
que aponta e embaralha as encruzilhadas

adiante dizem as mãos como os cegos
linha por linha desembaraçar a teia
e a embarcação precária
de moluscos vivos é o tecido da memória

Poemas

como pássaros ambulantes
poemas atravancam a mesa
sobram por todos os lados
debaixo do armário debaixo da casa
lençol d'água com que me cubro
misturados com tudo que de mais simples
e cotidiano
com o pavor de ser humana
tão absurdamente humana
que um corte no dedo já me lembra
a morte
meus poemas feitos de nada
de um pouco de susto e palavras
não me salvam de mim nem da areia
que os dias derramam
às vezes me ajudam a andar entre as paredes

Vento

assim me chama o vento
me despenteia os cabelos
nas teias do precipício
a vida começa hoje
começa sempre
desde o nada até a medula
todos os dias
colar os ossos
e ouvir o ruído
subterrâneo de um rio
a vida começa hoje
sempre por um fio
a alma é um pêndulo
leva as horas
de encontro às pedras

Alguns elementos

ouço o horizonte
seu sortilégio de pássaros

ouço os cavalos que galopam
ao longo dos séculos

ouço o baque de um sonho
no fundo de um poço

ouço o mar soprando para a terra
a rota dos barcos perdidos

ouço o estalar de raízes
o vento tecendo miragens

ouço cada homem
seu quinhão de vida e de morte
na algibeira vão pedras
moídas com os dentes

Crepúsculo

como ferir as mãos
numa estrela
num minuto andar até
a infância se debruçar
e num susto ver seu rosto
de menina
o tempo veloz de um espanto
o tempo de uma vida
um vento passa pela casa
bate portas abre cantos
deixa escapar um presságio
na memória é sempre crepúsculo

Uvas e sinos

abre as janelas
as portas
e deixa que entre
o horizonte em jorro
um pedaço de céu
peixes e pássaros
e lágrimas e sonhos
e palavras com seus dentes
seu mel e veneno
ferrão de pura prata

deixa que o tempo entre
como guirlanda
que entrem as vozes dos poetas
desde a distante noite
onde as bússolas marcavam o caminho

deixa que algum mistério
ponha uvas e sinos
em cima da mesa

Lamparina

mais que promessa de luz
ardendo secreta
lamparina de quebrar a noite
geografia oculta de água
e cristal
poesia é pano de forrar
a alma
no meio do vendaval

Alguns gestos

ferir com os olhos
o cerne de uma fruta
passar as mãos
sobre um rosto humano
e deixar seu desenho
escorrer entre os dedos
arrancar a alma
diante do espelho
tocar o silêncio
como se toca
a pele do tempo
como se toca
o hálito quente de um cavalo

Rede

Nessa hora

na hora em que os mortos
se banham nos espelhos
e viram demasiadamente
humanos
e atravancam a casa
com seus segredos
nessa hora tudo é possível
um homem e uma mulher se amam
e fazem filhos para que os filhos
segurem o absurdo
com a ponta dos dedos

No campo

aproveita os nós desatados
o silêncio das águas perdidas
as fendas nas montanhas
aproveita as violetas entrecortadas
de desejo
os sinos soltos pela chuva
como sonhos desencantados
aproveita as caravelas invisíveis
assombrando as noites
os pios das corujas solitárias
aproveita os caminhos recém-abertos
por cogumelos escarlates
aproveita as rendas dos luares
de agosto
os rostos pontuando as sombras
aproveita os cavalos engravidando a terra
aproveita o peso escuro da terra
e tece teu poema

Rede

que a poesia
apanhe apenas o invisível
em sua rede de nuvens e vento
por exemplo
o leve lamento que atravessa a casa
quando o passado invade
tudo de repente
e com sua teia transparente
paralisa o gesto
no meio do movimento

que a poesia diga
o que não pode ser dito
pedra e sentimento

Cais

como um barco de viés
um barco que passasse
sempre ao largo
com as velas arranhadas
por lua e sóis
um barco que nunca atracasse
em nenhum cais
ninguém com uma dália branca
esperando na amurada
só o silêncio desesperado
do mar
os dias e as noites do mar
e no coração
um desejo secreto
de sujar as unhas
de terra

Desejos

um a um
desenrolo meus desejos
de mulher madura
no convés
escorregadio
cravo os pés
os dentes

nesse navio
despedaçando o tempo

Corte

descer ao mais profundo
corte
que a dor pulse como
sol
incendiando o corpo
descer até o irrespirável
pântano
até as bordas do abismo
onde se misturam todos os anseios

Profecia

diga uma palavra mágica
 faça com que a poesia se cumpra
 a profecia se cumpra

tire de mim esse peso
 essa líquida pedra
 esse húmus
 meus olhos de desterro

habito um país errante
 tantos antepassados me atravessam
 num trânsito tão intenso
 que em horas oblíquas
 nem mais sei quem sou

diga uma doce palavra
 feito fruta embrulhada em vento

Flores

minhas mãos tão antigas
e mortais
que já tocaram
a harpa do horror
e do mel
já tatearam a madrugada
suas sombras na parede
até o fundo do abismo
arrumam essas flores

elas traduzem a casa
indicam o caminho
parecem dizer é por aqui
por aqui o sol e a lua
o amor

em cima da mesa flutuam
e com o seu voo
tiram a casa do chão

Despedida

os olhos apenas pousam
na manhã que nasce
e passo a passo
se faz a despedida

as mãos estão tingidas
de amor e de vinho
e na curvatura da tarde
soprarei um verso
como um sortilégio

Desejo

que a poesia saísse
do seu esconderijo secreto
adormecida em superfície branca
como planta sobre as águas
e invadissem as ruas os muros
as camas as casas
entrasse pelas cabeças
tatuasse os corpos
arrancasse as máscaras
como um bicho vivo
de mil labaredas
e revertesse a ordem
habitual das coisas
e desaguasse luz e mistério
tornando os homens melhores

Grito

a única certeza que me cabe
quando olho minhas mãos
que envelhecem comigo
embora às vezes pareçam
tão separadas do corpo
pássaros que tivessem perdido
todo o resto do bando
a única certeza é de que o grito
que nasce com cada um
o primeiro grito
tem que ser ouvido
com seu timbre ainda impregnado
de infinito e dores ancestrais
e esse grito se espalha
em tudo que se faz

Sozinha no campo

Desejo

acendo o fogo
aqueço a água
faço o pão
o tempo não existe
um ancestral poderia entrar
junto com as sombras
e partilhar o silêncio
separo os livros que lerei
arrumo os lírios numa jarra
chamo as palavras
que a poesia aí está
em todos os lugares
eu poderia dançar nua
no meio da tempestade
amarro cuidadosamente
as mulheres que sou
num feixe único
como se fosse ofertá-las

Umbrais

hoje faço um poema
como quem amassa o trigo
deixando o sol entrar
engravidando a massa
hoje faço um poema
como quem se despe
de roupas supérfluas
como quem pusesse os desejos
secando no peitoral da janela
um poema como quem mastiga
o cotidiano
com seus perfumes e tragédias
seus lugares-comuns
atravancando os umbrais

Penhasco

do mais profundo abismo
que me habita
vou tirando de mim assombros
como pedaços de carne viva

o que faço vem de longe
atravessa universos florestas
emaranhados de ar
e deságua nesses gestos
nesse jeito de estar no mundo
uma mulher sozinha
no alto de um penhasco

Pelas ruas

vou andando pelas ruas
com a paciência dos mortais
a noite atravessada no corpo
de um lado a outro
como um rio grosso
um punhado de sonhos foscos
e o silêncio dos retratos

vou andando pelas ruas
puxo a solidão pela coleira
como um lobo velho e cansado

sentinela da infância
guardiã de estrelas
uma voz longínqua me chama
com o hálito quente das miragens

guardo as mãos nos bolsos
e num gesto mecânico e humano
vou andando pelas ruas

Penhasco

Armadilha

hoje um amor é esperado
ao cair da tarde
invento a casa
cada objeto em seu silêncio
arrumo as sombras os pássaros os medos
faço com as palavras que direi
uma armadilha suave

fico imóvel por muitos séculos

Desamparo

quando a poesia me desabita
e as palavras fogem
pássaros estarecidos
e a luz oculta das coisas
se esvai
um trem que a noite engole
quando não há deuses nem estrelas
nada que seja diáfano
ligando as coisas
só o coração da terra
pulsando grave e amedrontador
quando isso acontece
me sinto desamparada

*Ando
muito
só*

ando muito só ultimamente
num canto da sala
o relógio constrói as horas

com esse carregamento
inútil
de estrelas e palavras
vou fazendo precipícios
onde no fim do dia
me deito perplexa

todas as noites arrumo
a que mora dentro do espelho
seus olhos de oceano latente

existo como bicho assustado
feita de fome unhas
e um nome para que eu mesma
me chame no meio do sonho

Spleen

alguma dor
a de sempre
a dor dos gerânios secos
a de uma sombra oblíqua
invadindo a tarde
a do tempo caindo inútil
como árvore cortada
alguma dor
a das imagens presas na garganta
dos gestos que derrubam
coisas nas horas erradas
de um certo spleen
enquanto o mundo se acaba

Passaporte

essa dor que sinto
não é poesia
não é literatura
é como uma casa
de cal e osso
é como um sujo
na parede

essa dor
é passaporte para a vida

Autorretrato

falo pouco
entre uma palavra e outra
um rio para e descansa
suas águas contínuas

meu coração habita
a terceira margem
onde cavalos e pássaros
fabricam os sonhos
que sonharei

debaixo das unhas
estão guardados
os dias que virão
novelo de vida
uma ponta amarrada no pulso
a outra ponta perdida

Genealogia

morro ao contrário e viro minha mãe
ela vinha da Polônia
sem adivinhar que me carregava
em seu destino
que me carregava em suas unhas
em sua voz
eu a vejo no convés do navio
era criança e não sabia os terríveis
peixes que o oceano esconde
ainda trazia nos cabelos o cheiro do feno
as vozes da aldeia
eu era ela seus olhos espreitando o céu imenso
e já fazia parte do seu silêncio

*Para
meu
filho*

aqui protejo meu filho
cubro o meu filho
com sal e osso do meu corpo

com infinita delicadeza
enredo seu nome no meu
um fio das suas pestanas
no vaivém dos meus olhos

aqui desfaço as muralhas
que separam
meu filho do mundo
desfaço o fosso
cavo com as mãos
um poço de pura água
de pura música
para que meu filho
lave seu rosto
de toda lágrima

Uma semente

uma semente
onde dentro
durma a palavra
que desejo
durma o próprio desejo
uma palavra-avelã
que contenha o tempo
e os mistérios
e de encontro
à trama do vento
se quebre se abra

Uma xícara de café

é bom escrever
quando na casa
todos dormem
mortos e vivos
iguais em seu úmido
silêncio

uma xícara de café
e os barulhos da rua
fragmentos de vozes
pedaços de telhado
pássaros e gatos
tramam ilhas e sonhos

na palavra tudo cabe
suspiros anseios um alçar
voo em direção a nada
simplesmente o vento o vento

Água de palavras

às vezes desanimo
e me sinto inútil
portadora de estranha
doença
de que servem esses
poemas
água de palavras
frutos nascidos
de loucas sementes

de que servem
se são menos
que estrelas cadentes
se são volúveis
se são voláteis
se me fogem das mãos
como pássaros de renda
melhor seria esvaziar
as gaiolas com que tento
apreender o tempo
melhor seria derramar

no mar
as minhas gavetas
tão cheias de fios
de noites cerzidas
melhor seria arrancar
de mim como erva daninha
essa linha que me descostura
e que me faz prisioneira
de miragens



Chama

acender uma chama com cuidado
todas as noites
para que vele os sonhos
para que a alma não se apague
para que a poesia não escape
sombra sorrateira rente aos muros
arrumar todas as noites
as miragens ao pé da cama
como um jogo antigo
onde nas pedras vinham escritas
portas secretas

Te enlaço

te enlaço com minha poesia
que não é nada
tão só uma janela que se abre
de repente quando a chuva acaba
para que a mão possa
pegar um pedaço de terra lavada
como se fosse uma fruta ou um silêncio
que não é nada
tão só um arranhar de estrelas
contra o céu da boca
um barulho de folhas sendo pisadas
quando passam os ancestrais
carregando seus mistérios
te enlaço e não é nada
apenas um frêmito um sussurro
de pássaros em revoada

Um certo olhar

meu pequeno universo
uma mesa alguns papéis
a manhã que se estende
pillar no cais beijando a água
a tarde que sacudo às vezes
pela janela
como se não me servisse
tantas horas grudadas
umas nas outras
basta um olhar descuidado
e tudo sai do lugar
meus pensamentos andando
fora de mim
como se eu fosse uma aranha louca
colando mosaicos de tempo
ah tua poesia é tão delicada
me dizem
tão cheia de auroras e sentimentos
não queria uma poesia assim e choro
porque as coisas são o oposto do desejo
como dois olhos num mesmo rosto
cada qual seguindo um caminho

e por falar nisso
onde guardei meus velhos desejos?
devem estar dormindo em algum armário
o sono mofado dos cogumelos

Tempo

há dia em que se acorda triste
o coração é um alaúde machucado
o olhar apenas vagueia sobre
as coisas
e constata que o tempo
é fina poeira impalpável

há toda uma sensação
de água escoando
pelo ralo
a impotência dos objetos
perdidos
de um sino distante
numa aldeia que não conhecemos
a alma como que flutua
separada do corpo
e no entanto
as unhas crescem
as veias estão cheias
de sangue
e em algum lugar
um cavalo
atravessa o oceano

Pedras

sim é verdade
tiro de mim
o poema
da minha grossa substância
como um naufrágio de encontro
ao coração
o mar encharcado de gritos
sim como um pequeno sol
depois da morte
da lama nascem tufos
de girassóis e auroras

um louco marca o tempo
com o compasso do seu corpo
em cima de uma montanha
desfralda rotas bandeiras

para onde leva o rio
da vida
com suas opacas e translúcidas
pedras?

Estilhaços

hoje alguma coisa se quebrou
como um cálice atrás do palco
todos os dias alguma coisa se quebra
varrer para debaixo da alma
essa água quebrada
esse silêncio estragado

Aprendizado

me fazer humana é um aprendizado miúdo
de todo dia
varrendo das coisas sua viscosidade
com mãos de oceano
abrir as porteiras os muros
as sebes
soltar os gritos e os pássaros
contidos
é um aprendizado de todo dia
me fazer humana apesar de tudo
desse uivo errante
debruçada no parapeito do poema
onde uma lua naufragada
se contempla

Voo solitário

um voo solitário
ser humana palmo a palmo
num chão escorregadio
onde nada leva ao fundo
as coisas todas
com seus duros contornos
navegando como navios sem rumo

debaixo das unhas
nascem enigmas
feixes de infinito
como plantas ancestrais

é este o meu voo de pássaro
ser humana passo a passo

Apror da zado

que um amigo se reconheça
sempre
na face de outro amigo
e nesse espelho descanse
seus olhos
e derrame sua alma

Amigo

como a crina de um cavalo
levemente pousada no vento

*Para
meu
filho*

aqui protejo meu filho
cubro o meu filho
com sal e osso do meu corpo

com infinita delicadeza
enredo seu nome no meu
um fio das suas pestanas
no vaivém dos meus olhos

aqui desfaço as muralhas
que separam
meu filho do mundo
desfaço o fosso
cavo com as mãos
um poço de pura água
de pura música
para que meu filho
lave seu rosto
de toda lágrima

*Como
água
que
corre*

como a água que corre
em leito de pedras e anêmonas
as pessoas e seus murmúrios
vão passando como sombras
quando o sol se põe no oceano

tocar em alguém de leve
tocar em seu ombro
e ficar marcado como se queimado
a fogo

mastigar o susto
e lavar o rosto com música

Partida

hoje arrumo as flores
em cima da mesa
as frutas na memória
quero um dia bem simples
alguma luz pousada
na superfície da água

hoje chamo para mim
amorosas palavras
que vivam um dia
perto do meu coração
que corram pela casa
com sua mistura de mel e espanto

alguém parte com um ruído seco
alguém sempre está partindo

Ronda

quanta solidão entre
os quatro ventos da noite
os silêncios fazem a ronda
enrolam a estrada
em seus pergaminhos

a lua tece prata
e sombra
derrama anseios
pelos caminhos

devaneios pousam
nas mãos espalmadas
como cinzentas mariposas
de seda

em algum lugar distante
um homem sonha
enquanto anda
levando sua vida nos ombros

Fio por fio

a manhã se faz em pequenas gotas
rios de claridade nos telhados
a cidade acende varais de luz
em cada beco um gato boceja

nos relógios o tempo se arruma
silencioso mastigar de ossos
para que de novo um dia se faça
com seu cortejo de sonhos quebrados

a tudo assistem os mortos
sentados em nossa memória
arrancando pedaços de névoa
de nossos olhos recém-abertos

uma vassoura varre a calçada
junta em novelos os anseios da noite
para que os saltimbancos os loucos
homens e mulheres todos os rostos

puxem fio por fio este dia

O s s o

às vezes adormecemos
com uma palavra
atravessada na garganta
de um lado a outro
como um estranho osso

às vezes adormecemos
com um vazio
enterrado na garganta
e feito um cavalo cego
cruzamos a noite com assombro

sermos assim
tão pequenos e humanos
tão frágeis e quebradiços
a vida como mil portas
que se abrissem
para lugar nenhum
o abismo tecendo cipós

Caracol

tão pequena
caracol no mapa
da tua mão
me aninho em tua vida
me cubro inteira
com a música
das tuas palavras
deixo que tuas águas
me desmanchem
até que de mim
só fique o que é
essência no fundo
do espelho
areia sagrada
no fundo do rio

agora quando me olho
é o meu rosto que vejo

Um rio

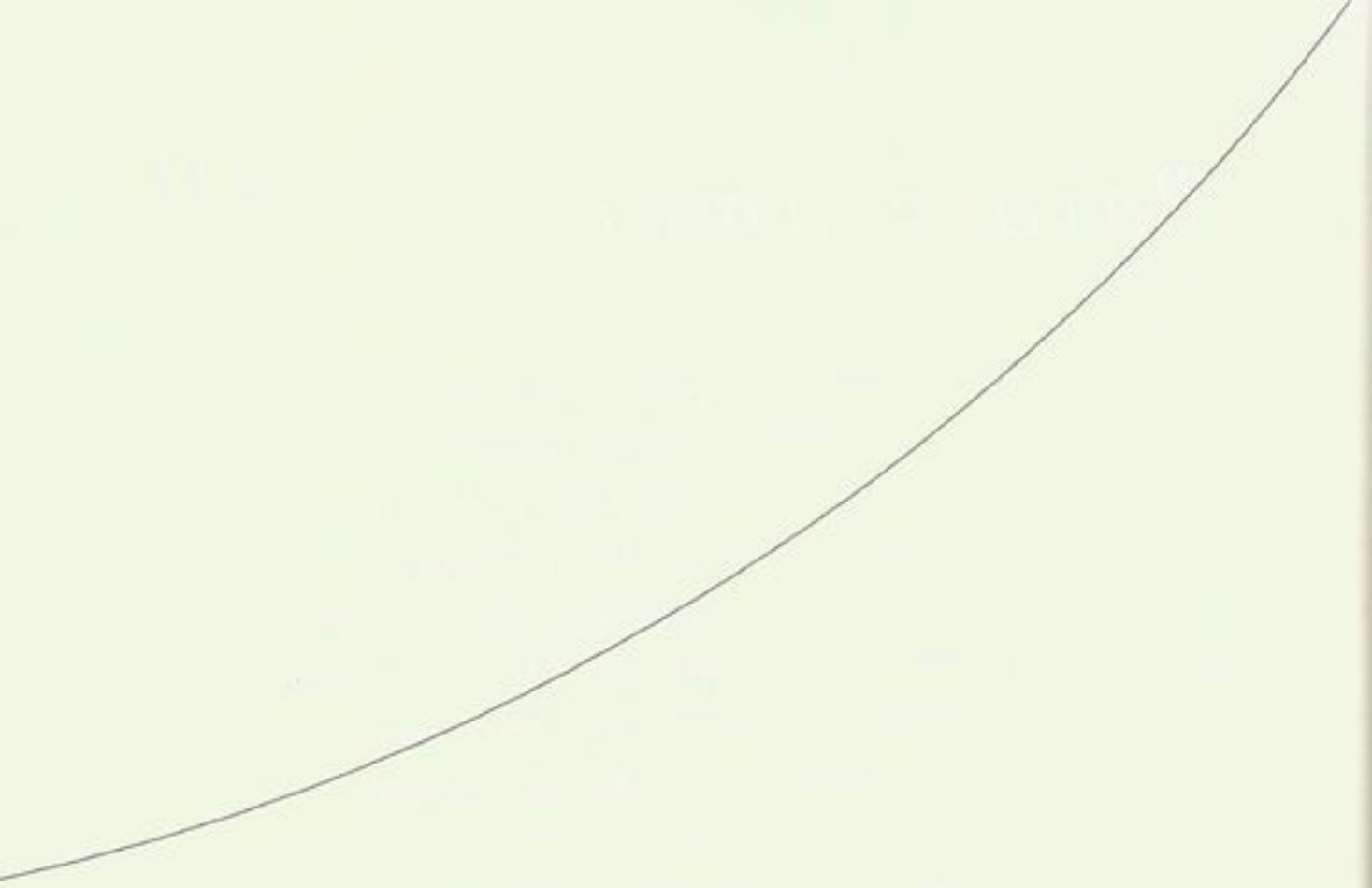
poderia chorar um rio
todos os mananciais
de água pura
poderia chorar uma gruta
um precipício
o dia de longos azuis e longas asas
poderia chorar uma pedra
a curva de um passado
ou mesmo um verso
poderia na soleira da porta
chorar um louco
um ancestral tragicamente
morto
me fitando de tão longe
com sua alma vazia
poderia chorar um pássaro
ou um barco perdido
sempre enredado nas brumas
poderia chorar um caminho
um mapa
a secreta geografia dos penhascos
porque hoje estou tão triste

Para o amor

para o amor escolho
certos mistérios
o resfolegar de um cavalo
perdido na bruma
alguns gestos milenares
pegar o sol com as mãos
e deixar que o crepúsculo
invada cada recanto
da casa

para o amor escolho
certos atalhos
o dos ventos escrevendo
nas rochas as sílabas
das gaivotas
enquanto o mar acalanta
seus mortos

para o amor ofereço
minha alma como pasto
aí onde tantas mulheres
inscreveram em sangue
seus segredos
e meu corpo
como espelho

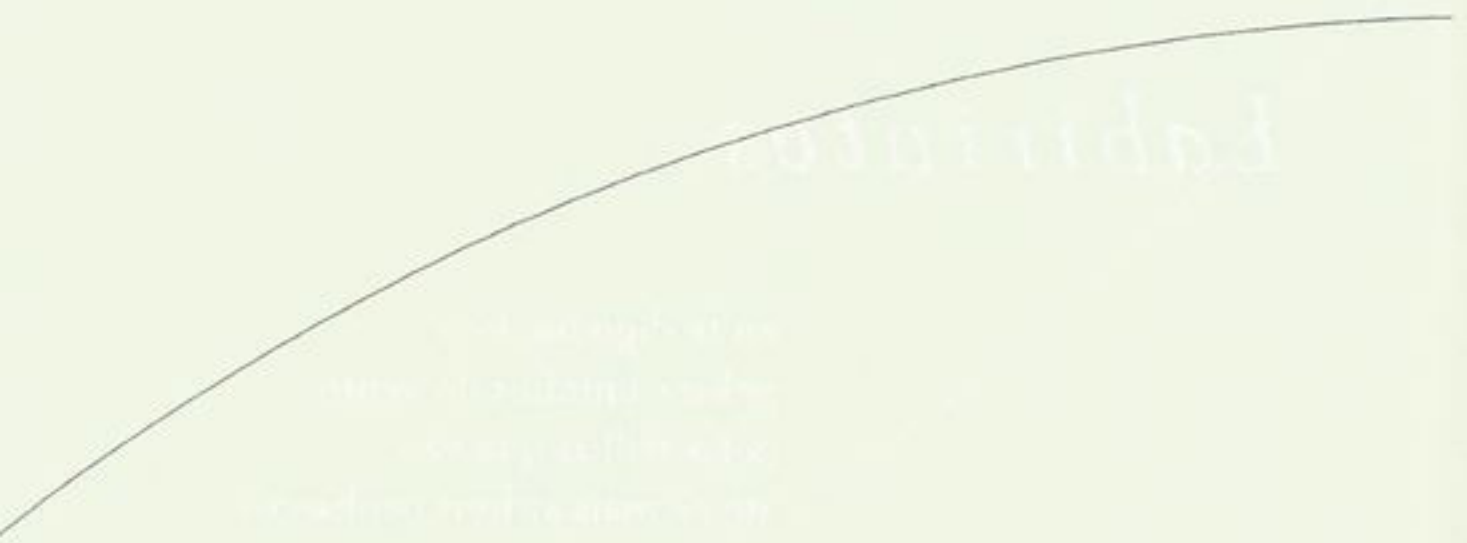


Cálice

nem ao menos sei
se soletras meu nome
com a água da chuva
se misturas meu nome
às sombras que habitam
vez por outra
o teu coração
se derramas meu nome
no cálice da noite
como um cavalo que amoroso
com suas patas possuísse
a terra

Labirintos

eu te digo me leva
pelos caminhos do vento
pelas trilhas que vão
até os mais árduos penhascos
quero machucar minhas mãos
nos arredores da loucura
alguma tempestade
em alto-mar eu te digo
me leva até os pomares
do desejo
onde adormecida à espera
a primeira maçã mordida
eu te digo até os escuros
presságios do deserto
quando o tempo caminha
milênios para trás
e uma caravana perdida
enterra seus mortos
me leva me pega pelos pulsos
a vida corre em labirintos



Águias

debaixo da roupa
o corpo a pele
nua floresta

debaixo da pele
água e sangue
as águias do passado
e do futuro
num leva e traz ininterrupto

estranha estrada do desejo
onde o tempo suspende
suas garras
quando outro corpo
nele se banha

Vestígios

assim queria ser amada
percorrida palmo a palmo
passo a passo
nenhum segundo acorrentado
ao feixe do passado

assim me ofertaria
como um barco faz
da sua rota
uma dádiva ao vento
e ao destino

toda vestida de pele
e segredos
onde em mim a vida
rasgou suas estradas

assim quereria ser amada
com todas as longínquas
madrugadas de pavor
e mistérios
com todas as palavras
plantas liquens
musgos terra molhada
pântanos vestígios

Momento

este momento baila acima
da vida
como um pano lunar e luminoso
onde tudo estivesse escrito
desde o começo
o corpo está repleto
como um rio ondeoubessem
todos os outros rios
e em sua caudalosa caminhada
rumo ao mar
despejasse peixes estrelados
sobre as margens

hoje se eu gritasse
um anjo me ouviria
e poderia entender
as minhas asas

Poesia

juntar cisne e pedra
caminhar pela existência
com esse talho na garganta

no redemoinho das horas
um barco e nas mãos
um punhado de aurora

um poema se faz
com o avesso das águas

Gavetas

ontem você esvaziava
o seu passado
papéis palavras novos
casas que não existem mais
ruas que por um instante
brilham na memória
como um lampião
numa ponte e logo
se esvaecem
leves passos na calçada
molhada
apagam a rua o rio e a ponte

você entornava o passado
em cima da mesa
e eu era a espectadora
cuidadosa

as casas do passado
são de matéria delicada
basta um sopro
e não voltam mais
então você sem saber me ensinava
como ajustar
as minhas pegadas às suas

Paixão

primeiro é a paixão
seu cortejo de cavalos
abrindo estradas no corpo

primeiro é a paixão
seus sinos de cobre escuro
tornando o tempo vassalo

primeiro é a paixão
como se as loucuras todas
entrassem pela janela

depois é um ar de assombro
e o trem outra vez no caminho
o trem das segundas-feiras



*Violenta
liberdade*

onde o meu caminho
se encontra com o teu
escrevo violenta liberdade
livres os pássaros da paixão
sem margem os rios que os contêm
livre o olhar que caminha por sobre
montanhas e mar e encontra outro olhar
livres as mãos e o destino nelas inscrito
livre de todo peso
o corpo carne e osso
quando se encaixa em outro corpo

Azeite e vinho

ele sabe meus caminhos
mais secretos
minhas pedras cobertas
de limo
ele conhece a ossatura
do meu silêncio
e já subiu a bordo
dos meus pavores noturnos
ele já provou o sal
das minhas cordas marinhas
e no entanto às vezes
é como se fôssemos
azeite e vinho
cada um em sua noz
flutuando à deriva
na imensidão do planeta
cada um em seu aquário
de vazio e vidro
engarrafados para sempre
em nossa própria solidão



Pedido

me deixa escrever paixão
ao teu redor
tecer a palavra como quem
enchesse o oco de uma fruta

tudo será feito em silêncio
um vento quase de nada trocará nossos olhos
uma água macia forrará nossos gestos

me deixa escrever teu nome
me deixa te escrever
só doerá um pouco
quando encostar minha alma na tua

A m o r

a felicidade pausa
em minhas mãos
rara borboleta que tivesse
atravessado os séculos
e o vidro da sala
para suntuosa
me oferecer a sua prata
deslizam os barcos
debaixo das pontes
empurram o tempo:
há uma ilha à espera
os pequenos gestos
de todas as manhãs
arrumar os lençóis
e os restos da noite
decifrar os sonhos
trocar a água gasta
das flores
fazem a rotação da Terra
nessa mesa simples
arrumamos os pratos
o pão e o vinho
e o amor em pequenas taças
transparentes
cheias de silêncio

A mesma fonte

eu quero te contar
a minha vida
espalhar na mesa
os vidrilhos as lãs
com que fiz meus sonhos
e te falarei dos meus infernos
e precipícios
de quantas mortes morri
enquanto me olhava no espelho
eu quero te falar
de longas esperas
em plataformas vazias
te falar de um trem
que nunca chegava
de um navio de areia
escorrendo entre os dedos
eu quero te contar
a minha vida
em suas insignificantes
nuances
sem esconder os fantasmas
nos bolsos internos da alma
eu quero te contar
a minha vida
no que ela tem de náusea

e desejo
amassando as palavras
como se fossem de argila
eu quero te falar
dos ventos que embaralhavam
a casa
das minhas caixas e cofres
das minhas magoadas estrelas
eu quero te falar
da minha vida
como se escrevesse em tua
pele
e me inscrevesse nela
porque em algum recanto
sombrio
a minha vida tem folhas
que são da tua
e não me pertence apenas
o meu cotidiano
é feito com a mesma
esgarçada renda do teu
e nesse lugar
à beira do imaginário
nos encontramos
e bebemos da mesma fonte

Silêncio

sei do teu silêncio
da pequena cela
que é teu corpo
tudo muito limpo
um copo d'água
a noite quieta
na borda dos espelhos
até que um súbito desejo
corte a superfície
da pele estagnada
como um diamante
abrindo a sangue
uma nova estrada


Oferenda

poesia é o que posso
te oferecer
como um pouco de tempo
claro
no fundo do tacho
como uma estrela de água

escuta: os pássaros
forram a tarde
com seus invisíveis anseios

caminha com cuidado
o chão está armado
em cima de horizontes

tudo pode ruir de repente
essa casa de vento
meu coração



Mapa

me toque assim
em voo rasante
como a chuva
que se aproxima
o vento entre
as dobras da chuva
abrindo as janelas
do sótão

me toque assim
a ponta dos dedos
tirando a poeira
de tantos séculos
de luz mortíça

me toque assim
como o último pássaro
do mundo
engole o sol
e adormece no mar

me toque debaixo da pele
ali onde dormem
gerânios esquecidos
onde o sangue é mais
leve
e as lembranças
fazem cem vezes
o mesmo caminho



Tua vida

levo tua vida
entre meus guardados
como se leva uma folha seca
entre as páginas de um livro
como se leva um rio
entre as linhas do destino
como se leva com cuidado
um viajante clandestino

levo tua vida
como um sopro
uma fruta
uma estrada

Réquiem

hoje um réquiem
pelo que poderia ter sido
e não foi
tantas palavras de amor
secaram na garganta
tantos versos como água morta
no fundo de um poço

Ouvir estrelas

mergulhar os ossos
na tinta fresca do Universo
apanhar com a boca o voo
dos peixes e pássaros
arrancar da terra as palavras
e guardá-las em algum lugar
obscuro
da casa
pegar das estrelas
seu grito de pavor e luz

Uma planta

assim como me vês
pareço uma planta
meu corpo intranquilo
é a falsa superfície
de um lago

sentimentos
como estranhos sinais
estão escritos
nas paredes do mundo

as paixões tiram a Terra
da sua rota bem-sucedida

O cotidiano

o cotidiano
esse fazer e refazer
se constrói com gestos
panos e rituais

às vezes de dentro de um armário
salta um verso
ou entre as palavras perdidas
encontramos um garfo
ou um prato manchado

essa fabricação contínua
de sonhos e cheiros
de lágrimas desmedidas
para onde vai?

em que mar deságua
toda essa vida?

Poeira

todos os dias
lentamente
o destino
apaga as pegadas

quantas garrafas
amanhecerão em nossas portas
com suas mensagens
pelo avesso escritas
quantos silêncios
ou tempestades?

há que tirar
a poeira dos mortos
com nossos gestos insanos
e fingir diante do grande espelho
sim somos tão felizes

Fragmentos

um dia é feito
de tantos fragmentos
pedaços sujos de estrela
papéis mofados
crepúsculos e mares
caminhos que levam a nada

um dia é feito
de portas que se abrem
para o limo das palavras
uma lua de papel
habita essa terra desabitada

nas encruzilhadas
cavalos dormem
um sono cheio de signos
suas crinas trançadas
com o lusco-fusco das estradas

Mariposas lilases

todas as doces pessoas que conheci
no meio-fio da vida
e que me escaparam das mãos
de uma maneira ou de outra
como um pássaro escapa
como um sopro escapa
de dentro dos ossos
voltem me enlacem me envolvam
me ajudem a suportar
o peso quieto das palavras
o rumor invisível das águias

por que se perderam de mim
essas doces pessoas?
tragam de volta seus rostos
como frutas de seda numa bandeja
como mariposas lilases

Raízes

farejo minhas raízes
de frente para o passado
nos meus olhos
antepassados navegam
em veleiros espantados

suas histórias se enredam
como flores no campo
ritos e amores o chão lavado
para os momentos sagrados

um arco de violino
toca cinco notas no vento

fecho os olhos submersa
em seus cânticos lamentos
o encanto se desmancha
estou só com meu destino

Substância

dividirmos isso
essa substância humana
esse líquido que habita
nossos ossos

como se divide um pão
o sol e a sombra
no mesmo prato

como se divide uma alucinação
no deserto
os sonhos boiando num fio
de água
como se divide a água
a noite e o dia no mesmo leito

como se divide o ar

Um retrato

um retrato entrecortado
roído nas bordas
pelos ratos que dormem
nos porões da memória
pelos ratos que acordam
quando o navio do tempo
faz água

um corte um hiato
o tempo
se contrai e se dilata
quem era eu nesse retrato
quem eram todos aqueles
que a vida engoliu?

por um minuto um sorriso
enquanto tudo em volta
é água contínua
cadeiras se arrastando
mesas com suas guarnições
ruídos encontros desencontros
em cada canto da casa
o tempo fabrica
novelos de esquecimento

como se todos soubessem
que íamos partir um dia
que a casa se desmancharia
enchiam o ar com gestos e
palavras

por um minuto
enquanto meu olhar
rola pela sala
como avelã mordida
todos existem ainda

Tarde

Uma

a tarde existe
toda estendida tão simples
recém-feita
de um lado a outro da cidade
como um varal de luz

o tempo oscila
no céu da memória
há demasiada vida

num terreno baldio
algumas flores nascem
e não pedem licença
desenham a língua
dos subterrâneos desejos

hoje não toco o chão
apenas flutuo
nessa tarde azul
para não deixar pegadas

Os relógios

um amigo pode salvar o mundo
a rota perdida de um sonho
com seus gestos bailarinos
mãos de unguento e unicórnio

um amigo pode atravessar a pele
a dura estrada da pele
dura como um carvalho
e tocar de leve na alma
como se toca uma planta rara
como se toca o inesperado
no meio do vale

um amigo pode parar os relógios
na hora do medo

Manhã

em meu quarto
sua luz pousada entre
os dentes
a manhã dança
lavando com sol
a mobília
forrando as lembranças
de pequenos gritos
e pássaros
traz no bico um convite alado
ao baile azul-púrpura da palavra
e debaixo das asas as chaves
a manhã atravessa o quarto
me agarra as mãos feito cigana
e me abocanha
e machuca minha pele de vida
me deixa entre louca e aturdida
no parapeito do mundo

O pão do silêncio

a tua poesia é bela
me dizem alguns
outros me dão o pão
do silêncio
às vezes choro como loba
que tivesse perdido o filho

tramar com as palavras
dolorosos labirintos
luas e sóis
onde continuamente
me salvo e me perco

em ruas antigas
deixei minha sombra
de muito longe
um grito me alcança

Praça ao relento

minha poesia
é toda contida
não se derrama
como pólen no ar
espremida como chama
entre o muro e a hera
oblíqua
flor caída
acorde estranho e tenso
à espera

minha poesia
corre junto
com meu sangue
é o rio onde bebo
e adormeço
é fim e começo
labirinto de pássaros e sons

minha poesia não é seda
ao vento
é antes um pano grosso
encharcado de tempo
uivos e passos

minha poesia é a praça
onde existo ao relento
onde faço e refaço
o mesmo caminho
como louca que andasse
com as mãos erguidas

minha poesia é meu grito
estrangulado
meu cárcere e meu prado
minha caixa de segredos
meu retrato

Navegante

e fica estabelecido
a cada manhã
o milagre da vida
como um jorro
que nascesse das entranhas
da terra

amealhar o tempo
o que pousa por sobre
os telhados
como ave de bom agouro

como um girassol busca o sol
e um navegante solitário
busca os insondáveis segredos
do vento
assim
do outro lado do rio
um coração marca as horas
à espera do teu

Sinos

quando estava só
nos meus vastos campos
de machucadas orquídeas
e silêncio
e à noite bebia em taças opacas
estrelas líquidas e passado
e o vento do deserto
me alcançava trazendo
o rumor dos mortos
você chegou
com vassoura de luz
varreu a casa e limpou os sinos

